

Duas aves contra a hantavirose

GUILHERME GOULART

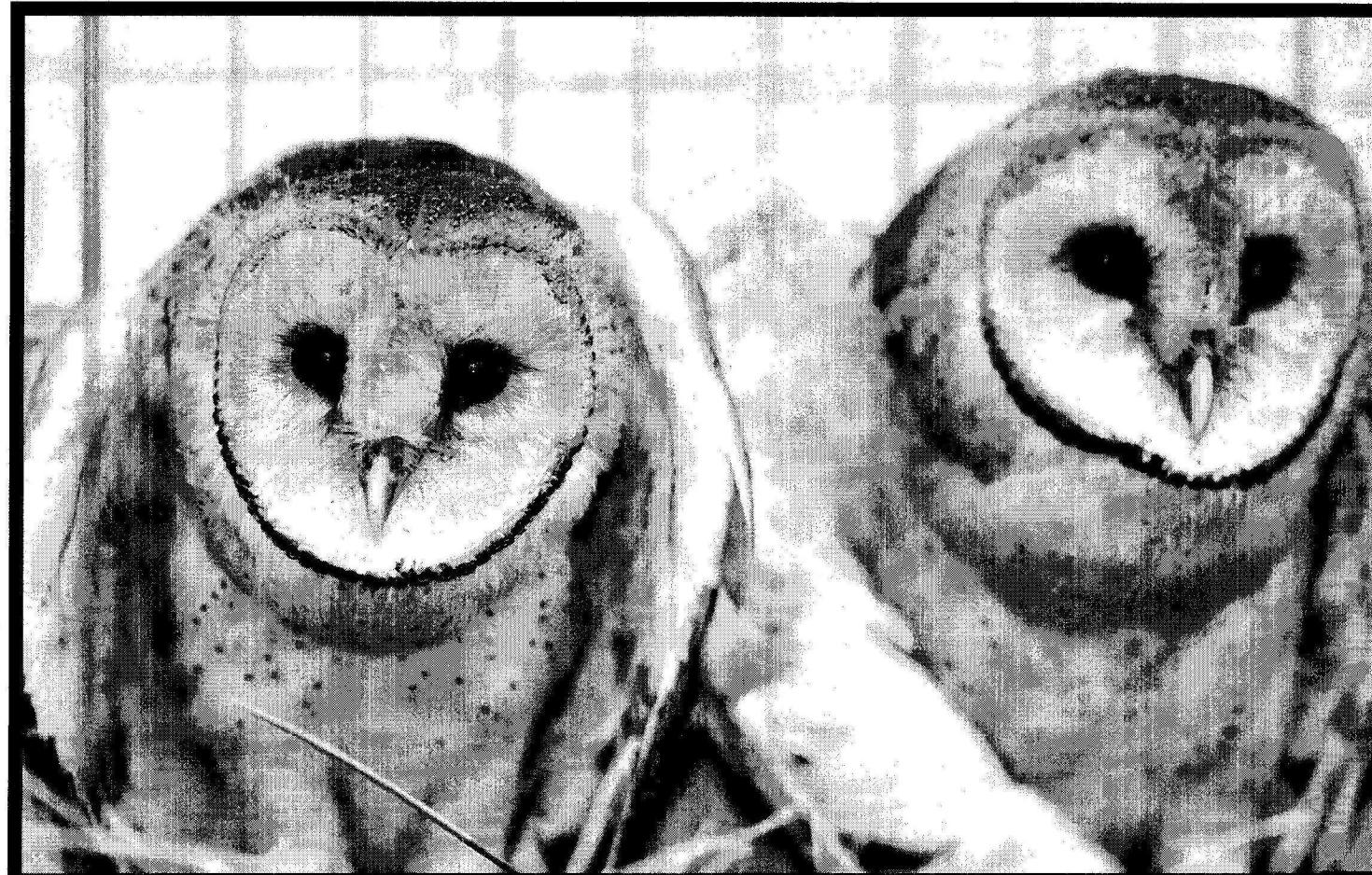
DA EQUIPE DO CORREIO

O maior inimigo do hospedeiro da hantavirose, o roedor silvestre, terá mais o que temer no período da seca. Pelo segundo ano consecutivo, o Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis (Ibama) e o Jardim Zoológico de Brasília apostarão em corujas-de-igreja como armas para o combate à doença no Distrito Federal e Entorno. Duas delas estão em fase de criação e até o fim do ano serão soltas na natureza.

Enquanto o governo local tenta evitar o surgimento de mais casos, o Zoológico prepara estrutura para receber mais animais que tenham na dieta o rato *Bolomys lasiurus* — que carrega o hantávirus. Além das corujas-de-igreja, gaviões e carcarás também dão prioridade aos roedores na alimentação. Todos começam a se reproduzir a partir de junho, época em que aumentam as apreensões do Ibama. Muitos moradores reclamam do barulho das aves e pedem para que os ninhos sejam recolhidos das casas.

Os primeiros bichos recebidos pelo Zôo neste ano chegaram em 17 de junho. São dois filhotes de corujas capturados em um ninho na Candangolândia. Não têm ainda 50 dias de vida, mas já ganham complemento alimentar com cálculo misturado a carne moída, frango picado e ratinhos vivos. A dupla é mantida em separado para não competirem por comida.

Kleber Lima/CB



FILHAS DA CANDANGOLÂNDIA: AS DUAS CORUJAS VÃO COMBATER O RATO *BOLOMYS LASIURUS* NA MESMA REGIÃO ONDE FORAM APREENDIDAS

Dentro de 40 dias, porém, as corujas serão transferidas para uma gaiola maior — voadeira — para exercitar a musculatura das asas. Ali, elas desenvolverão o vôo, essencial para a sobrevivência na natureza. A experiência servirá para que as duas corujas-de-igreja aprimorem o

instinto caçador. Mais uma vez, ratos vivos serão as principais fontes de alimento.

O veterinário Georges Cavalcanti, chefe do serviço de aves do Zoológico, acredita que elas estejam prontas para voltar ao habitat natural em quatro meses. “Cerca de 80% da dieta delas é de

pequenos roedores. Elas podem, sim, ajudar no controle da população de ratos”, explicou. Os predadores não correm risco de serem infectados pelo hantávirus. O processo digestivo das aves mata todos os parasitas.

No ano passado, 12 bichos, entre corujas-de-igreja, gaviões-

carijós e carcarás, foram criados pelo Zôo e libertados em áreas consideradas críticas para o avanço da hantavirose. No caso das duas corujas, cujos sexos ainda não foram identificados, elas deverão ser soltas no mesmo local de onde foram tiradas, a Candangolândia.